

Na Terra do Nunca

Notas sensoriais sobre o Fórum Social Mundial 2009

Daniel Brandão¹

[Fevereiro, 2009]

A dormência ardida explodia na boca. Que delícia que era a flor amarela de jambú. O universo era um jardim, finito, uma fresta no tempo e no território. Eu vi fadas e deixei o mundo correr na beira daquela fogueira sagrada. O espaço era de imensidão, tudo largo, grande, com métrica que se marcava pelo perder de vista. Entre o aqui e o ali, uma ponte amarela suspensa sobre um ribeirão. Caminho de Dorothy para chegar ao mundo mágico de OZ.

O Fórum Social Mundial 2009 (FSM) aconteceu nos ciscos, nos interstícios, nas poeiras, no que de pequeno que é não se vê. E por isso habita o universo das desimportâncias. Assim foi, o FSM da miudez, marcado por Sininhos que espalharam pó mágico naquilo que as intelectualidades pisam em cima. Caminhei distante destes sapatos, longe dos discursos inteligentes, das falas brilhantes, do rosário iluminador anti-neoliberal. Porque isso não me fazia mais sentido.

Ao olhar para frente recebi as gotas gordas na cara. Chuva no Pará é dilúvio. E acontece todo dia. Mas ao erguer a cabeça se via a deslumbrante avenida coberta de mangueiras. Era incrível. De tamanho coerente com as réguas da Amazônia. Era o que havia de mais encantador na marcha de abertura do Fórum. As mangueiras. Distribuídas em fileiras longas e estiradas pela Av. Getúlio Vargas e nos acompanhando na curva pela Av. Nazaré. Viva Nossa Senhora de Nazaré! Santa que gera a maior procissão cristã do mundo. A marcha é um pequeno carnaval onde os blocos têm o enredo de causas. Os grupos indígenas eram os que mais chamavam a atenção, porque vinham forte, em bloco, coesos, cantando, pintados de jenipapo e com adornos pelo corpo. Passaram. Várias etnias juntas, colaborando na luta. Até chegarmos ao final da caminhada, onde sobre o palco se estabeleceu uma entediante cerimônia de cantos dos povos da floresta.

¹ Trabalha no Instituto Fonte (www.fonte.org.br) como facilitador de processos para organizações e movimentos sociais. As notas que inspiraram este texto estão no blog BERADERO (www.beradero.blogspot.com), acessíveis por meio do marcador *Fórum Social Mundial*.
E mail: daniel@fonte.org.br

Nos pavilhões da UFPA ou nas tendas da UFRA aconteciam os debates, reflexões, críticas, proposições, ausências e tudo o mais o que o Fórum Social Mundial pode produzir. E tudo de uma transitoriedade absoluta. O que fica? Quais os caminhos? Quais as propostas? A eterna questão que se orienta ao Fórum, a velha pergunta (quase existencial) que é sempre levantada. Há aqueles que defendem veementemente o Fórum como espaço aberto², sem pretensões de elaborar cartas, recomendações ou o que quer que seja, que siga livre, explodindo em milhares de atividades das quais pouco ou nada se sustenta para além dos muros de quem dela participou³.

Sem formulações ou sistematizações que lhe permitam articular minimamente alguns dos conteúdos dos debates que gera o FSM perde sua força. Na perspectiva administrativa e estrutural o fórum amadurece, ganha corpo e/ou eficiência de operação⁴. Mas até onde isso importa? Sem assumir uma vereda que demonstre ao mundo exterior suas produções o fórum corre o risco de brincar de Peter Pan e fugir sempre da necessidade de crescer. Ficaremos na Terra do Nunca a brigar contra o Capitão Gancho Neoliberal. Creio que uma radicalidade é necessária, a articulação das produções, mantendo sua diversidade e autonomia é sim possível. Ofertar um conteúdo a cada encontro não significa gerar uma concepção única, nem favorecer determinados grupos. Acredito fortemente que o fórum deveria assumir a lógica colaborativa dos softwares livres nesta elaboração. Atuar no modo *wiki*, onde cada um ou cada uma, aqueles e aquelas que de fato mostrarem interesse, possam aportar conteúdos a uma plataforma virtual, que poderia ser articulada a partir dos 10 objetivos que orientam o FSM, e organizada por meio de palavras chaves ou coisas assim. Enfim, um caminho que permita o registro, a sistematização, a construção de linhas orientadoras para o apoio à reflexão e prática de organizações e movimentos sociais.

Ao andar pelos grandes espaços deste Fórum, marcado pelas dimensões amazônicas da universidade que se esparrama longamente na beira do Guamá, rio que

² Um excelente artigo que apresenta o estado da discussão entre as diferentes tendências existentes no FSM é “**Quem matou Bambi?**” de Katarina Peixoto na Carta Maior. Disponível em <http://tinyurl.com/alyxoc>

³ Ver Novaes, W. **Estão falando de um só mundo?** Caderno Aliás – Jornal O Estado de São Paulo, 01 de fevereiro de 2009. Disponível em <http://tinyurl.com/apog9w>

⁴ Vale notar que o Centro de Mídia Independente traz críticas ao custo do transporte e à brutalidade da polícia junto à população local. Ver “**Um outro mundo é possível, mas para quem?**” Publicado em fevereiro de 2009 em <http://www.midiaindependente.org/>

desce gordo com suas águas marrons, cercado de árvores grandes, tudo amplo, enorme, fui tomado por uma sensação de esvaziamento, de mansidão do FSM. Os gritos antiimperialistas ou contra o neoliberalismo persistem, mas atenuados. A panfletagem ativista estava mais branda ou menos espalhafatosa. O clima é outro e nos convida à contemplação. A olhar a margem do rio, a não apressar suas águas. Em 2003, quando lá estive pela primeira vez, a alegria era enorme, marcada pela eleição de Lula. Bebíamos esperança, falava-se de felicidade como projeto de governo⁵. Em 2005 existia uma enorme força mobilizadora contra os absurdos coronelescos de George Bush e sua tropa, um bom debate sobre matrizes energéticas e curiosidades socialistas sobre o projeto bolivariano de Hugo Chávez⁶. E agora? A crise financeira abate a todos, os EUA elegeram Obama, que inclusive estava presente em camisetas usadas por alguns estrangeiros. Parece que ninguém sabe o que fazer, como nunca antes. E a Amazônia nos convida a admirar isso. A observar o não fazer, a calma, o tempo longo das coisas. O clima deste fórum nos sugere a construção de uma nova epistemologia, aquela que chamo com precisão de *Manoel Barrossiana*, por ser orientada a tempos de árvore, por valorizar as grandezas do ínfimo, por receber elogios de idiota⁷. Acima e além de discursos, o FSM 2009 nos apresentava essa proposta com sutileza, com aromas, sabores e outros campos sensoriais que não a razão. Neste sentido, o Fórum encontrava a convicção de Slavoj Žižek, um dos mais importantes filósofos de matriz marxista da atualidade, que aponta termos passado muito tempo tentando transformar o mundo e hoje devemos fazer mais esforços para interpretá-lo⁸ (Programa Roda Viva, TV Cultura, Fevereiro de 2009⁹).

Na necessidade de novas leituras do mundo, o Fórum Social Mundial 2009 ofertou seu maior segredo em silêncio, operando nos campos simbólicos dos pequenos encontros, dos ritos discretos, nos gestos, nas sutilezas.

Assim eu não vi o Frei Betto naquela quinta de muito sol pela manhã. Não vi o encontro entre Marina Silva e Leonardo Boff, que me disseram ter sido histórico. Não

⁵ Brandão, D. **Fórum Social Mundial – Porto Alegre 2003**. Instituto Fonte, 2003.

⁶ Brandão, D. **Fórum Social Mundial: Diferenças na igualdade – Porto Alegre 2005**. Instituto Fonte, 2005

⁷ Manoel de Barros. Ver os livros: *Matéria de Poesia* (Ed. Record, 2001); *Livros sobre Nada* (Ed. Record, A1996); *Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo* (Ed. Record, 2001); *O Livro das Ignorâncias* (Ed. Record, 1993).

⁸ Agradeço à amiga Livia Tommasi por esta contribuição.

⁹ Ver <http://tinyurl.com/bftn42>.

acompanhei Boaventura de Souza Santos e Oscar Jara. Me ausentei da mesa onde estava Michael Lowy, autor que debate o *Ecosocialismo*. Passei muito longe do Lula, desinteressado no que ele diria. Não cheguei a tempo de acompanhar a oficina sobre *educação ambiental* que a boa turma ligada à Marina Silva organizava. Minha única participação no matinal e lotado debate sobre *educação nas prisões* foi para distribuir panfletos da oficina QUADROS¹⁰ que eu mediaria naquela mesma tarde. Não procurei racionalidades. Me excluí das sérias conversas para entrar em outros mundos, possíveis e existentes, ali mesmo, mas em outros endereços ou planos ou rodas ou tendas. Era o mundo da manga verde, ardida, dura de comer, a melhor síntese que existia de Belém, cidade que se apresentava no reto, dura, na chapa, e carregada de infinitudes e múltiplos, numa geometria onde o plano é formado por muito mais do que três pontos.

Num lugar tão grande, largo, imenso, o fórum sugeria olhar para o pequeno e o ínfimo de cada um. Mudanças sutis e determinantes. Sem sessões específicas para este debate, mas presente no encontro ou desencontro do que acontecia cotidianamente. Seja ao comer a sopa comunitária na agrovila onde errei a mão na pimenta. Quentura, ardência e tosse. Ao redor da fogueira sagrada por onde passaram muitos cantores, palhaços até e alguns ritos. Deitado na tenda indígena de cura, tentando dormir em luta contra os mosquitos enormes. Nas conversas simples e delicadas, com amigos de primeira e última hora, reveladoras de traços profundos do que sou e das lutas mais complicadas que preciso travar. Compreensão de causas minhas, internas, viscerais e determinantes para qualquer intenção de atuação coletiva marcada por um mínimo de ternura. Observar o rio passar.

“Pela paz, pela paz, arco íris pela paz”. A bela moça trazia as cantorias para a roda. Animou cirandas. Celebrou. Celebramos. Sem pedras na mão. Sem imediatismos. Sem falas. A cozinhar juntos no tempo de árvores para entender a nós e ao mundo.

¹⁰ QUADROS é um método inovador criado para apoiar a construção de diálogos com jovens em situação de risco. Para saber mais baixe o livro [Vozes e Olhares](#) ou acesse o [blog](#).